

# "Efeitos de um programa de Psicomotricidade Relacional, no meio aquático, para crianças com Síndrome de Down"

Paulo Gutierrez Filho\*

**A troca de informações, tanto em congressos nacionais como internacionais, contribuíram não só para ampliação de nossos conhecimentos diante dessa problemática, mas também veio fortalecer nossa forma de pensar, reafirmando que o caminho percorrido foi aquele que possibilitou estabelecermos uma metodologia de intervenção.**

## INTRODUÇÃO

A utilização do conhecimento científico e tecnológico sempre constituiu a alavanca para o desenvolvimento das sociedades, alterando as estruturas, as formas de organização, os métodos de trabalho e as relações das instituições sociais, influenciando decisivamente sobre o cidadão em todos os seus aspectos. Esses conhecimentos podem permitir, também, a reformulação das estruturas, das técnicas e dos métodos aplicados na área da Educação Especial, fornecer respostas às exigências das pessoas portadoras de necessidades educativas especiais, frente às atividades físicas, desportivas, recreativas e psicomotoras.

Considerando nossa trajetória profissional, primeiro como atleta e, posteriormente, como instrutor de natação, fomos, aos poucos, descobrindo os prazeres e desafios que um programa exige ao se trabalhar no meio aquático. Então, podemos dizer que a troca de informações, tanto em congressos nacionais como internacionais, contribuíram não só para ampliação de nossos conhecimentos diante dessa problemática, mas também veio fortalecer nossa forma de pensar, reafirmando que o caminho percorrido foi aquele que possibilitou estabelecermos uma metodologia de intervenção.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos grandes desafios foi trabalhar durante três anos na elaboração do programa

de Psicomotricidade Relacional no meio aquático, para crianças com Síndrome de Down. Nossa conduta inicial era extremamente diretiva, ou seja, queríamos que o nosso aluno realizasse tudo aquilo que gostaríamos de ver e acabávamos, durante as aulas, falando muito e observando pouco.

Nesta perspectiva, concordamos com Negrine (p. 151) ao dizer que

"poder-se-ia perguntar: que espaço fica para a espontaneidade e para a criatividade, quando se impõe à criança o que ela deve fazer?".

Segue o autor (p. 153) comentando que

"as principais tarefas do professor são de ajuda e compreensão, de interação e de implicação, quando as circunstâncias assim determinarem".

Acabamos sentindo a necessidade de mudança em nossa conduta; assim, passamos a adotar um comportamento mais semidiretivo do que diretivo nas sessões, utilizando a palavra sessões, porque começamos a perceber que nossa proposta estava voltada mais para a Psicomotricidade Relacional no meio aquático, do que à natação propriamente dita.

É importante, também, esclarecermos que a Síndrome de Down resulta de um acidente genético e que pode ocorrer com o filho de qualquer casal, em qualquer idade e se caracteriza pela presença de um cromossomo a mais no par 21, por isso é também conhecida como Trissomia do 21.

Sabe-se, segundo Rynders, citado por Morato (p.55) que:

"a Trissomia - 21 (T21) é a designação científica que identifica a maior causa de deficiência mental de origem genética, calculando-se que exista cerca de um milhão de pessoas com Trissomia-21 em todo o mundo".

Portanto, vamos, agora, levantar algumas das questões que nortearam nosso estudo, despertando a curiosidade e o interesse em respondê-las.

Será que nós, professores, muitas vezes, ao observar determinado aluno, que está tentando realizar a tarefa proposta e não consegue por razões diversas, adotamos uma postura de ajuda ou será que acabamos fazendo a tarefa toda por ele? Será que as crianças com Síndrome de Down têm acesso e oportunidade de participarem de programas educacionais, recreativos e terapêuticos? Será que os participantes da pesquisa vão se adaptar ao meio aquático? Será que eles irão nadar?

Gomes (p. 03) destaca que

"nadar significa deslocar-se equilibradamente no meio aquático. Dizer que uma pessoa não sabe nadar quando ela consegue flutuar e locomover-se sem os pés no chão, está errado".

Entretanto, Archer (1996) afirma que se deve objetivar que o aluno com Síndrome de Down, ao chegar no final do processo de aprendizagem dos estilos da natação, deve demonstrar domínio dos mesmos, conforme norma da F. I. N. A. (Federação Internacional de Natação Amadora); jamais o aluno pode frequentar as aulas somente orientado por objetivos lúdicos.

Neste momento, e em termos da relação professor-aluno, nos interrogamos: será que os professores e principalmente técnicos de natação EXIGEM dos seus alunos somente a performance, a técnica dos estilos da natação? Será que eles dão oportunidade aos seus alunos, durante as aulas, de realizarem alguma coisa, segundo seus interesses e necessidades do momento?

Poderia haver uma dimensão reducionista de alguns profissionais da área, no que

tange à abrangência do conceito de nadar, uma vez que este conceito não deve ser entendido como a reprodução de gestos estereotipados, deste ou daquele estilo, mas sim numa concepção que evidencie o domínio do corpo no meio aquático, partindo da busca inicial e exploratória da própria criança.

Para isto faz-se necessário, primeiramente, dar a oportunidade para que as crianças com Síndrome de Down possam ter uma vivência corporal autêntica, a qual só se verifica por uma exploração vivida e sentida no espaço que a rodeia, ou seja, com a água, com os objetos, com os colegas e/ou com o professor. No entanto, para que isto aconteça, torna-se urgente uma determinada atitude não só dos pais, mas de professores e técnicos de natação, em darem a oportunidade aos seus alunos também de *brincarem* com e na água, isto é, permitirem que eles possam experimentá-la, vivê-la, senti-la com ou no seu próprio corpo. Isto só acontecerá se o adulto não impuser o que a criança deve fazer ou se ele não transmitir medo a ela: não lhe disser, por exemplo: *oh! Cuidado que tu vais te afogar(...), a piscina é funda.*

É fundamental que pais, educadores e técnicos de natação percebam que a água é um grande *ambiente facilitador*, para otimizar as potencialidades da criança com Síndrome de Down, fazendo com que ela também conheça um pouco mais sobre as suas limitações nesse meio.

Portanto, é preciso não só termos objetivos, mas também adotar uma estrutura metodológica para tentar alcançá-los.

## METODOLOGIA

Sintetizamos, da seguinte forma a área temática da investigação que realizamos: **Quais os efeitos de um Programa de Psicomotricidade Relacional no meio aquático, para crianças com Síndrome de Down?**

Para proceder ao desenvolvimento do nosso estudo, traçamos os seguintes objetivos:

***Torna-se urgente uma determinada atitude não só dos pais, mas de professores e técnicos de natação, em darem a oportunidade aos seus alunos também de brincarem com e na água.***



- a) Demonstrar a eficiência de um Programa de Psicomotricidade Relacional no meio aquático para crianças com Síndrome de Down.
- b) Observar a qualidade da trajetória lúdica, ou seja, se ela é repetitiva ou não, se o participante realiza sempre a mesma brincadeira ou várias, durante a sessão de Psicomotricidade Relacional, no meio aquático.
- c) Descrever os efeitos observados após a aplicação do Programa.

Assim sendo, pensamos como Negrine (p. 153):

**Procuramos atuar sempre que fomos solicitado, isto é, adotamos uma postura de ajuda (corpo de ajuda) e não, fazer tudo pela criança, além de suscitar idéias, desafiar, provocar sua situação lúdica, sempre em uma situação de escuta.**

“O psicomotricista que trabalha no âmbito da psicomotricidade relacional e, portanto, utiliza o jogo como ferramenta pedagógica, deve estar preparado para fazer a leitura da trajetória da criança ao jogar. Falar de trajetória significa dizer que, de forma geral, as crianças, quando jogam, representam não apenas um papel, mas vários papéis, alternando jogo e sua representação, o que indica o nível de desenvolvimento sócio-afetivo”.

No entanto, consideramos importante dizer aos leitores que a estrutura metodológica por nós utilizada foi a mesma adotada por Negrine, isto é, dividida em três momentos.

O *ritual de entrada* (primeiro), foi a reunião que fizemos com as crianças, como forma introdutória da sessão; falávamos sobre as regras da sessão, como por exemplo, “aqui se brinca do que se quer, mas há regras, como: respeitar o colega, parar de brincar e começar a guardar os materiais quando o professor falar que acabou a brincadeira (...)”.

O encerramento da sessão se caracterizou pelo *ritual de saída* (terceiro), quando era oportunizado às crianças verbalizarem sobre os seus jogos, exercícios e produções, realizados durante a *sessão propriamente dita* (segundo). A nossa função principal, então, era a de garantir a palavra a cada criança, ou seja, o princípio pedagógico adotado era de escuta e de intervenção quando fosse necessário.

Procuramos atuar sempre que fomos solicitado, isto é, adotamos uma postura de ajuda (corpo de ajuda) e não, fazer tudo pela criança, além de suscitar idéias, desafiar,

provocar sua situação lúdica, sempre em uma situação de escuta. A premissa básica foi que eles soubessem que há sempre um momento em que a sessão inicia e um momento em que termina, e neste sentido, a norma deve ser cumprida.

Porém, resolvemos inovar, ou seja, adotamos a mesma estrutura metodológica, mas realizamos o trabalho na água e não em ambiente “seco”.

Devido ao tema escolhido, a metodologia adotada contempla as características da pesquisa qualitativa, apoiado em Miles e Huberman, citados por Graça (p. 138):

“Uma das grandes vantagens de uma abordagem qualitativa reside nas possibilidades de facultar uma análise profunda e detalhada dos fenômenos estudados, mas referenciada a contextos locais identificáveis”.

E, ainda de acordo com as perspectivas de Vygotsky (p. 193):

“O estudo da criança com atraso mental deve basear-se sobretudo em um teste qualitativo, e não na determinação do defeito. O objetivo do estudo dessa criança é na determinação do tipo de desenvolvimento da conduta, e não no nível quantitativo que tem alcançado cada uma das funções”.

O trabalho foi caracterizado como sendo de nível descritivo, do tipo estudo de caso, que se refere a uma investigação intensiva de uma unidade social, isto é, o foco de observação foi o indivíduo portador da Síndrome de Down.

Segundo Miles e Huberman in Graça (p. 139)

“a concretização desta intenção justifica a adoção de uma abordagem metodológica de natureza qualitativa e a organização do estudo de acordo com um formato de estudo de casos”.

Os quatro sujeitos do nosso estudo foram escolhidos de acordo com os pré-requisitos que estabelecemos: faixa etária dos sete aos quinze anos, sexo masculino, diagnóstico da Síndrome de Down de acordo com o prontuário da escola, controle esfíncteriano, ter feito estimulação precoce e pertencer ao mes-

mo nível sócio-econômico, de acordo com o serviço social da escola.

Era necessário que seus pais trouxessem um atestado médico, dizendo que o seu filho estava apto para participar do programa, além de uma autorização da participação dele no programa e o compromisso de levar e buscar os participantes na piscina da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A frequência das sessões foi de três vezes por semana (segundas, quartas e sextas) e o tempo disponível para cada sessão variou de 45 a 60 minutos. Esta frequência e a duração da sessão foram estabelecidas, uma vez que há toda uma rotina a seguir. Realizamos 39 sessões de Psicomotricidade Relacional no meio aquático, com quatro crianças do sexo masculino, dois de 9 anos (gêmeos) e dois de 15 anos, todos portadores da Síndrome de Down.

Conforme Vecchiato (p. 106):

"Numa ótica educativa ou de terapia em casos menos patológicos, recomenda-se aplicar a psicomotricidade relacional no seio de um grupo, devido à multiplicidade e riqueza dos estímulos e da comunicação que uma dinâmica desse tipo garante por si mesma".

O local físico utilizado para a coleta da maioria dos dados foi a piscina pequena do Centro Natatório da Escola de Educação Física, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com profundidade de 0,80 m a 1 m e 20 cm e tamanho de 16x6 metros. A piscina é térmica, sua temperatura permaneceu em torno dos 32° Celsius. Cabe salientar que realizamos uma sessão na piscina grande, cujo tamanho é de 25x16 metros, a profundidade varia entre 1 m 80 cm até 2 m e 20 cm e a temperatura de 30° Celsius.

A estratégia metodológica predominante no estudo foi a observação seletiva, associada ao prontuário da escola, a entrevistas semi-estruturadas com os pais e as professoras de classe, a gravações de fitas de vídeo e a material fotográfico.

A técnica de análise de conteúdo de

Bardin (1988) foi utilizada para a análise preliminar das informações, em seu nível mais elementar, como destaca esta autora, isto é, pré-análise, quando da leitura do material e conjugação das informações obtidas nas doze entrevistas da primeira etapa e doze da segunda, nas trinta e nove transcrições das gravações de vídeo, nas vinte e duas fotografias, e nos trinta e nove pareceres descritivos realizados após cada sessão.

Analizando as informações e tomando por base o conjunto dos contextos estudados, as agrupamos em quatro grandes categorias, de acordo com os objetivos preestabelecidos, para responder ao problema principal da investigação, sobre quais os efeitos de um programa de Psicomotricidade Relacional, no meio aquático, para crianças com Síndrome de Down: adaptação ao meio aquático, respeito às regras, trajetória lúdica e autonomia nas atividades de vida diárias.

Pode-se dizer, que todos os quatro participantes, no decorrer do programa, foram se adaptando ao meio aquático, chegando a se familiarizarem com a água, pois, conforme Navarro, citado por Damasceno (1997), a aprendizagem só é possível quando o aluno confia e se familiariza com a água.

Já em relação à autonomia nas atividades de vida diária, pode-se dizer que, através da oportunidade que lhes foi dada, eles começaram a conquistar mais autonomia no tomar banho, no secar e vestir o corpo, além de se arrumarem, sozinhos. Observamos que, muitas vezes, os pais, queriam fazer pelo filho, não davam à oportunidade deles tentarem. Foi neste momento então, que resolvemos fazer algumas mudanças, ou seja, conversamos com os pais, para que eles não entrassem mais no vestiário e que em casa, deixassem seus filhos tentarem realizar alguma coisa, sozinhos, com intuito de contribuir no processo de autonomia das atividades de vida diária.

Respeito às regras, foi a terceira categoria, onde pudemos notar aos poucos, a compreensão e o maior cumprimento das normas da sessão, pois os participantes passaram não só a cumpri-las, mas também a controlar aqueles que não as cumpriam, seja professor, seja aluno.

**Observamos que, muitas vezes, os pais, queriam fazer pelo filho, não davam à oportunidade deles tentarem.**



Neto (1997), refere-se que a qualidade lúdica das crianças com trissomia-21, é pouco elevada. Apesar disso foram verificadas variações dos elementos do jogo, quando realizado no meio aquático.

Cabe salientar, que alguns fatores favoreceram a melhora da qualidade lúdica de cada um, ou seja, a dinâmica da sessão, o suscitar de idéias e a oportunidade que foi dada aos participantes de sugerirem brincadeiras.

Eles não só começaram a querer propor a brincadeira inicial para os seus colegas, como também, passaram a pedir para serem os primeiros a verbalizarem sobre suas produções realizadas durante a sessão.

O olhar diferenciado por parte dos professores e pedagogos para observar e interpretar o mundo simbólico infantil, no caso específico desta Síndrome, indica que o simbolismo está presente numa dimensão abrangente, proporcional a cada caso estudado, como ficou evidenciado.

O mundo simbólico é sempre peculiar às vivências, e vincula-se à própria intervenção do adulto, quando trabalha neste âmbito.

Neto (1997), considera importante rever como brincam as crianças com Síndrome de Down e que tipo de programas de estimulação lúdica são utilizados para ajudá-las, pois, se a prática lúdica favorece o desenvolvimento da criança "normal", a princípio, favorecerá também o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down.

## CONCLUSÃO E SUGESTÕES

Tomando como referência as observações seletivas, as evidências manifestadas pelos participantes do estudo, se referem exclusivamente aos quatro personagens, Leandro, Leonardo, Alexandre e Francisco, sem ter a pretensão de generalizar os achados, uma vez que nossas reflexões devem ser compreendidas de forma contextualizada no tempo e no espaço em que ocorreu a coleta de informações.

Podemos afirmar que a trajetória lúdica dos quatro participantes, no início do programa era repetitiva, ou seja, eles brincavam sempre da mesma coisa. Contudo, o nosso nível de intervenção, com o intuito de levantar idéias para conseguir promover o desenvolvimento deles, foi determinante no processo de ajudá-los a crescer, favorecendo, assim, não só a elevação da qualidade lúdica de cada um, no decorrer do programa, como também uma melhora no nível de seu desenvolvimento sócio-afetivo.

Tudo indica que a capacidade simbólica não é uma questão de tudo ou nada, mas deve ser dimensionada em função das possibilidades que se oferece para potencializar a ampliação do mundo simbólico infantil.

Além de constataremos uma melhora na qualidade lúdica desses indivíduos, constatamos que todos eles estão adaptados ao meio aquático, sendo que dois dos quatro participantes chegaram a deslocar-se na água, sem colocar os pés no chão, aproximando-se muito dos estilos "crawl e costas".

Por isto diremos que saber nadar não é dar um diploma de natação ou uma medalha pela conquista de uma prova de 50 metros em crawl, por exemplo, pelo contrário, é muito mais que isso: é vencer o medo da água, é adaptar-se, é ter o domínio do seu próprio corpo no meio aquático, enfim é antes de exigir que a criança portadora da Síndrome de Down faça exatamente aquilo que gostaríamos de ver, darmos a oportunidade para que os exercícios e/ou as brincadeiras partam através da sua busca inicial e exploratória.

As outras evoluções evidentes foram em relação ao respeito às regras e à conquista da autonomia das atividades de vida diárias, atribuídas à dinâmica que este tipo de trabalho oferece. No decorrer das sessões, essas crianças passaram a respeitar mais as regras, além de terem mais autonomia no tomar banho, no secar-se, no vestir-se, enfim nas atividades de vida diárias (AVDS).

Essas crianças e a estrutura familiar, estão direta ou indiretamente ligadas à sua qualidade de vida, pois ainda há pais que limi-

***Tudo indica que a capacidade simbólica não é uma questão de tudo ou nada, mas deve ser dimensionada em função das possibilidades que se oferece para potencializar a ampliação do mundo simbólico infantil.***

tam e não acreditam no desenvolvimento dos seus filhos. Muitas vezes, por falta de informações, ou por falta de condições financeiras, ou sentimento de culpa, por *falta de oportunidades* e por diversas razões, os pais e a sociedade acabam prejudicando, discriminando e segregando uma parte da população que tem também os mesmos direitos como cidadãos de uma sociedade.

Os pais não devem esquecer um dos princípios da educação especial, que é o respeito à individualidade, cuidando sempre para não caírem no erro de comparar o seu filho com outra criança, mesmo se forem gêmeos, pois, cada indivíduo tem suas potencialidades e limitações. Devem otimizar o potencial de cada um, para compensar suas dificuldades, com o intuito de alavancar o desenvolvimento infantil, partindo, assim, rumo a possibilitar maior independência do seu filho.

Sugerimos uma maior participação dos Órgãos de apoio às famílias que possuem crianças com Síndrome de Down.

Seria interessante que a sociedade perceba a importância de se dar continuidade ao processo que iniciamos, para que todas as crianças com Síndrome de Down pudessem, ao menos, mostrar a sua potencialidade, pois, em nosso ponto de vista, eles não são deficientes, mas indivíduos que, com uma oportunidade para mostrarem a sua eficiência, podem desenvolver mais seu potencial.

Neste sentido, propomos que os pais ampliem a rotina diária de seus filhos, como por exemplo, levando-os ao cinema, teatro, circo, shopping, supermercado, caminhando em praças, deixando-os pegar um ônibus e pagar suas passagens, enfim, mostrando a cidade em que vivem, fazendo com que cada um se sinta mais útil, ampliando, assim, não somente suas rotinas de atividades, mas também seus espaços no mundo, incluindo, aqui, o meio aquático.

Finalmente, é essencial salientar a relevância de um programa de Psicomotricidade Relacional no meio aquático para crianças com Síndrome de Down, no qual o professor não só lhes dê a oportunidade de conhecerem um

pouco mais sobre as suas limitações e potencialidades, como também, quando se fizer necessário, possa atuar como corpo de ajuda, para ampliar o universo potencial dessas crianças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NEGRINE, A. da S. *Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil. Psicomotricidade: alternativas pedagógicas*. Porto Alegre: Prodil, 1995.
- MAUDIRE, P. *Exilados da Infância: relações criativas e expressão pelo jogo na escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- MORATO, P. A. *Trissomia 21, Síndrome de Down ou ainda "Mongolismo". Similaridade ou Especialidade*. Portugal: Sonhar, 1994.
- GOMES, W. D. F. *Natação: uma alternativa metodológica*. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1995.
- ARCHER, R. B. *Natação Adaptada: metodologia de ensino dos estilos crawl e peito com fundamentação psicomotora para alunos Síndrome de Down desenvolvida no clube curitibano*. Curitiba: Editora Própria, 1996.
- GRAÇA, A. *O Conhecimento Pedagógico do Conteúdo no Ensino do Basquetebol*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto, 1997. (Tese de Doutorado).
- VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas: fundamentos de defectologia*. Madrid: Gráficas Rogar, 1997.
- VECCHIATO, M. *Psicomotricidade Relacional e Terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- DAMASCENO, L. G. *Natação Psicomotricidade e Desenvolvimento*. Campinas: Autores Associados, 1997.
- NETO, C. *Jogo e desenvolvimento da criança*. Lisboa: FMH, 1997.
- GUTIERRES FILHO, P. J. B. *Efeitos de um programa de Psicomotricidade Relacional no meio aquático para crianças com Síndrome de Down*. Porto Alegre: UFRGS, 1998 (Dissertação de Mestrado, 171 páginas).

## UNITERMOS

*Síndrome de Down, psicomotricidade relacional, educação especial e atividades aquáticas.*

*\*Paulo Gutierrez Filho é Mestre em Ciências do Movimento Humano Pela ESEF/UFRGS professor das disciplina de Natação da FEEVALE-NH/RS. gutie@plus-in.com.br.*

**Os pais não devem esquecer um dos princípios da educação especial, que é o respeito à individualidade, cuidando sempre para não caírem no erro de comparar o seu filho com outra criança, mesmo se forem gêmeos, pois, cada indivíduo tem suas potencialidades e limitações.**